

Fernando Lanhas: Da Pintura Geométrica Abstrata a Uma Arquitetura Neoplasticista

Fernando Lanhas: From Abstract Geometric Painting to a Neoplasticist Architecture

Artigo completo submetido a 11 de Janeiro de 2020

Resumo:

Este artigo explora cruzamentos entre a obra arquitetónica e a obra artística de Fernando Lanhas. A partir da análise do discurso formal de quatro das suas obras arquitetónicas mais características e considerando algumas inéditas notas do seu espólio pretende-se enunciar os fios condutores que ligam as opções fundamentais dos seus projetos ao conteúdo e atitude artística patentes na sua justamente reconhecida obra no campo das artes plásticas. Conclui-se que a arquitetura de Lanhas se afasta da arquitetura sua contemporânea portuguesa para comungar dos principais vetores do neoplasticismo.

Palavras chave: Fernando Lanhas, Abstração geométrica, Neoplasticismo, Arquitetura, Pintura.

Abstract:

This article explores intersections between the architectural and the artistic work of Fernando Lanhas. From the analysis of the formal discourse of four of his most characteristic architectural works and considering some unpublished notes of his estate, it is intended to enunciate the guiding threads that link the fundamental options of his architectural design to the content and artistic attitude shown in his rightly recognized art work. It is concluded that Lanhas architecture moves away from its contemporary portuguese architecture to join the main vectors of neoplasticism.

Keywords: Fernando Lanhas, Geometric abstraction, Neoplasticism, Architecture, Painting.

Introdução

Fernando Lanhas (Porto, 1923-2012) foi um polímata. Este intelectual definido por possuir mais de “sete rostos”¹ além de ser conhecido por ter sido “pioneiro da abstração em Portugal” e de ter exercido profissionalmente arquitetura, também se inquietava com questões das mais diversas áreas do conhecimento. Seus contributos incluem avanços no campo da ciência através do estudo da órbita da Terra em volta do Sol (1990), a exposição Idades das Trilobites (1994), a descoberta do Castro de S. Paio ou a criação de uma sala de astronomia no Liceu Garcia da Orta (1970), entre outras. Em 2005 aos 82 anos, a Universidade do Porto conferiu-lhe o título de doutor *Honoris Causa*.

Na pintura, Lanhas foi mais um introdutor do que um precursor no sentido em que adota em 1942, ainda enquanto estudante de arquitetura na EBAP² que frequentou

¹ Fernando Guedes amigo de Fernando Lanhas foi o primeiro estudioso a publicar sobre a sua experimentalidade. Em 1988 publicou o livro *Fernando Lanhas - Os Sete Rostos* e, nesse ano com o realizador António Macedo, o documentário homónimo. Segundo Bernardo Pinto de Almeida, Guedes foi o “companheiro de geração e longamente seu único crítico consequente” (Almeida, 2016: 166).

² Escola de Belas Artes do Porto.

de 1941 a 1947, uma prática pictórica abstratizante e geometrizante que só a partir de 1947 se tornará radicalmente abstrata e que não mais abandonará. Impulsiona a abstração no país com a organização das Exposições Independentes (1943-1950) onde mostra o seu trabalho e de outros abstratos de então que abandonarão essa prática a favor de compromissos com a figuração. Estas exposições geraram bastante celeuma no meio artístico português de então dominado pelos surrealistas e neorrealistas (França, 1985: 415).

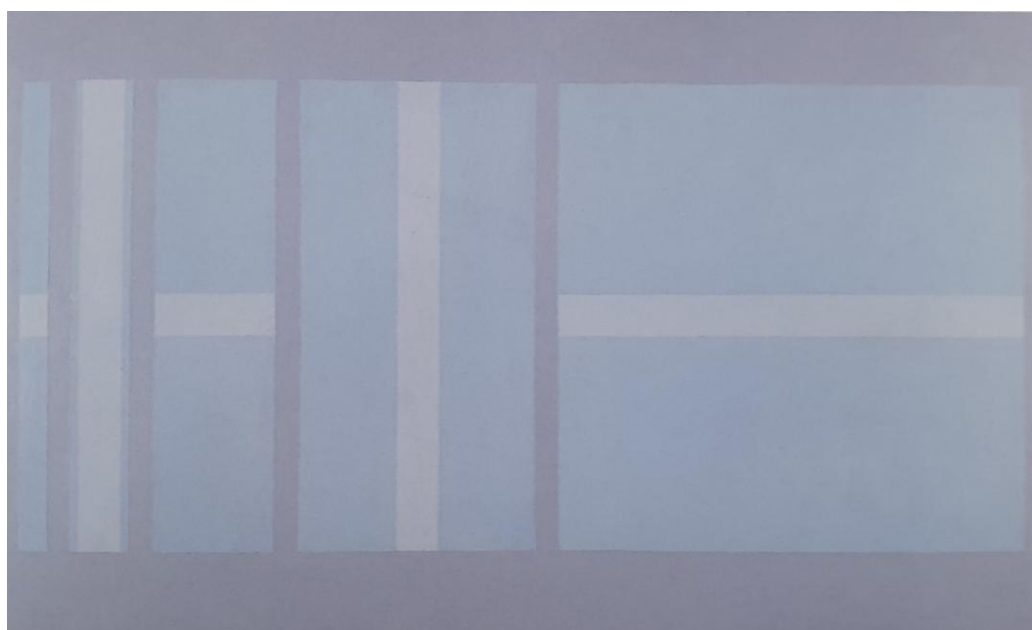


Figura 1. Fernando Lanhas, O37-66, 1966. Óleo. Fonte: <https://www.serralves.pt/pt/a-colecao/obras-por-decada/?d=60>

Também o seu contemporâneo N. Afonso (1920-2013) segue um percurso semelhante que se radicaliza geometricamente em 1955. Neles é determinante, como estudantes de arquitetura e futuros arquitetos, gozarem de uma liberdade que os colegas de Belas Artes não se permitiriam porque imersos numa academia de pendor ainda naturalista. Durante a sua vida, Lanhas aprofunda sem grandes alterações os determinantes plásticos das suas composições abstratas que estabelece aos 24 anos (1947), numa grande "fidelidade ao seu programa original" (França, 1985: 416) (Figura 1).

Em arquitetura, Lanhas explorou os programas da habitação e mais tarde os equipamentos museológicos³ mas não se fez destacar como arquitetos portugueses da sua

³ Em 1968, Fernando Lanhas foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian para estudos museológicos. Neste âmbito, treze projetos fazem parte da sua autoria, maioritariamente com intervenções sobre a pré-existência, a projeção do material expositivo e a sua curadoria nas exposições permanentes.

geração. De facto, até hoje, pouco se estudou ou divulgou sobre Lanhas-arquiteto. Hoje a situação tende a reverter-se, pois a incitação do autor tem-se alargado a diversas iniciativas⁴.

Considerando a sua obra artística amplamente reconhecida e o emergente interesse na sua arquitetura, este artigo explora cruzamentos entre ambas com base no acervo documental da Fundação Marques da Silva e as obras em depósito no Museu de Serralves.

1. Da arquitetura à pintura

Em 1942 Lanhas foi aluno de C. Ramos (1897-1969) que começou a lecionar na EBAP a partir de 1940 rompendo com as referências historicistas e introduzindo ideias modernas vindas de W. Gropius (1883-1969) (Costa, 2018) e da construção no Porto de um edifício moderno e polémico do arquiteto V. de Lima (1913-1991) (Gonçalves, 2010: 67-69). Portanto, o ambiente do curso de arquitetura terá sido mais aberto a influências exteriores ao país do que o da pintura explicando porque Lanhas terá tido maior facilidade em procurar e aderir a ideias e práticas exteriores, entendendo-as melhor do que os seus pares artistas, que terá resultado na sua experimentação abstratizante.

Segundo o filho, Pedro Lanhas, o pai "ouvia falar de uma arte abstrata que se fazia fora de Portugal e ele fê-la para a poder ver"⁵. Em 1947 termina o curso e vai passar uns dias a Paris visitando o seu primo, o pintor J. Resende (1917-2011)⁶. Por pouco perde a possibilidade de visitar o Salon des Réalités Nouvelles⁷ mas terá visto o catálogo, trocado impressões com o primo e visitado galerias de arte abstrata⁸ já que Paris borbulha com arte não figurativa.

⁴ Ver Costa, C. (2019a). *A Arquitetura em Fernando Lanhas* [projeto de tese do Programa de Doutoramento em Arquitectura]. Constatou-se que Synek (2002, 2005), Tenreiro (2008), Alarcão (2009), Moreira (2017), Elmagreen e Dragset (2017) e Costa (2018) fizeram referência a Fernando Lanhas, enquanto arquiteto nas suas publicações ou estudaram as suas obras autorais.

⁵ Conversa telefónica com Pedro Lanhas, Catarina Alves Costa, 13 de dezembro de 2019.

⁶ O artista Júlio Resende viveu em Paris entre 1947 e 1948. Da correspondência com Lanhas constante na Fundação Instituto Arquiteto Marques da Silva sabemos que a viagem foi em Setembro e que Resende mantinha Lanhas a par da cena artística parisiense e recebia de volta fotografias de obras de Lanhas para as divulgar e obter feedback de Paris.

⁷ O salon des Réalités Nouvelles de 1947 decorreu de 21 de Julho a 18 de Agosto no Museu de Arte Moderna de Paris e nesse ano publicaram o primeiro Cahier da exposição. Na 1ª edição mostrou-se Arp, Delauney, van Doesburg, Duchamp, Duchamp-Villon, Kandinsky, Kupka, Léger, el Lissitzky, Malevitch, Magnelli, Mondrian, Pevsner, Picabia, Schwitters entre outros num total de 89 artistas, número que aumenta no ano seguinte. As primeiras edições mostraram predominantemente arte abstrata geométrica e construtivista.

⁸ Trata-se das galerias Denise Rene, Colette Allendy e Arnaut.

Certo é que à volta Lanhas radicaliza⁹ a abstração na sua pintura e corresponde-se em 1949 com H. Bérard da direção do Réalités Nouvelles que pretendia fazer uma exposição de arte abstrata internacional em Lisboa¹⁰, nunca realizada. Dadas as dificuldades do país de então ser capaz de assimilar o abstracionismo, Lanhas, diversificou os seus interesses, dedicou-se à arquitetura e mantendo sempre períodos de produção plástica¹¹, isolou-se do meio artístico português mantendo a sua obra artística "numa espécie de circuito fechado, sem contactos nem, por temperamento, desejos de os ter." (França, 1985: 416).

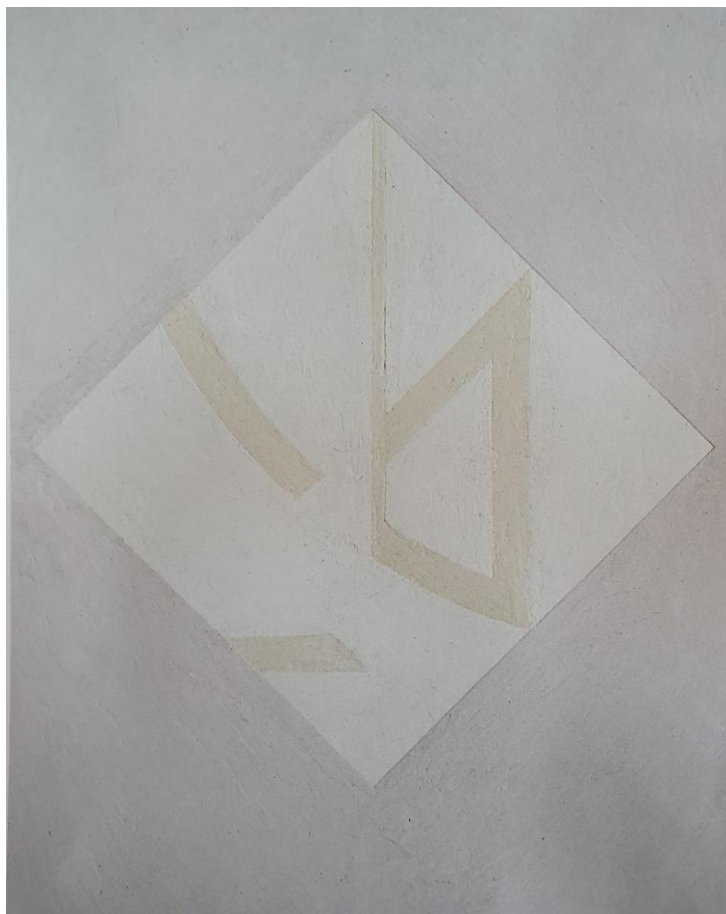


Figura 2. Fernando Lanhas, O50-86-88, 1986-1988. Óleo. Fonte: Guedes, F., Almeida, B. P. & Pinharanda, J. (-). *Lanhas*. Porto: Edições Quadrado Azul. ISBN: 972-8243-00-6

A obra artística de Lanhas caracteriza-se por "uma extrema, tensão, no ponto último de uma vibração de formas em relação ao espaço" em obras despojadas de

⁹ Passa a atribuir títulos abstratos às obras seguindo codificação de catalogação usando letras e números e se até aí eram maioritárias as obras com referentes naturalistas já em 1947 passa a verificar-se o oposto e em 1949 esses referentes desaparecem totalmente da sua pintura.

¹⁰ Conforme documentação da correspondência de Lanhas da Fundação Instituto Arquiteto Marques da Silva.

¹¹ Para detalhes consultar Costa, P. (2018).

"qualquer valor sensual na sua nudez essencial" (França, 1985: 415). Para além da imutabilidade que aí podemos encontrar, há nos signos inscritos num fundo bidimensional como que um movimento em suspensão que caracteriza toda a obra de Lanhas (Figura 2). São figuras geométricas rigorosas e elementares que “nunca se completam, nunca se realizam” (Pelayo, 2012: 36).

2. Da pintura à arquitetura

Lanhas foi um arquiteto prolífico contando com cerca de 112 projetos por entre habitações unifamiliares, conjuntos habitacionais e equipamentos (Costa, 2019a). Inserido no grupo de arquitetos portugueses sensíveis às transformações modernas do pós-guerra na arquitetura internacional, a sua obra foi pouco valorizada pelos seus pares contemporâneos e hoje é olhada com desconfiança pela história da arquitetura portuguesa, que o tem ignorado. De facto, o valor sua obra arquitetónica é de difícil apreensão quando é analisada isolada das suas outras produções. O que resulta desse olhar limitado é a sua obra parecer menos experimental do que as obras dos seus contemporâneos como as de V. de Lima (1913-1991), R. de Azevedo (1898-1983), A. Losa (1908-1988), C. Barbosa (1911-1998) ou F. Távora (1923-2005) entre outros, parecendo existir uma certa rigidez em Lanhas comparativamente. Enquanto as plantas destes assumem as mais variadas formas adaptando-se aos lotes de forma inventiva, assim levando a experimentação formal dos espaços a soluções mais variadas, Lanhas parte sempre de uma planta retangular o que emerge como empobrecedor. Agrava ainda que Lanhas não deixou escritos sobre arquitetura e não protagonizou a acesa discussão da época relativa à introdução da modernidade na arquitetura portuguesa¹².

As suas obras focam-se na funcionalidade aparentemente despojadas de exercícios de estilo que levam a um quase que apagamento do arquiteto. A sua atitude solitária faz com que Lanhas pareça cair na tentação do anonimato da arquitetura que é aquilo que a arquitetura "tem de não exibicionista, ou de escusado, ou inútil, mas que está no ritmo da vida de todos os dias e de todas as pessoas" (Siza, 2019).

¹² Embora fosse membro do grupo ODAM - Organização dos Arquitectos Modernos que contava com 34 membros não são conhecidas reflexões, escritos ou quaisquer tomadas de posição no âmbito da ampla discussão.

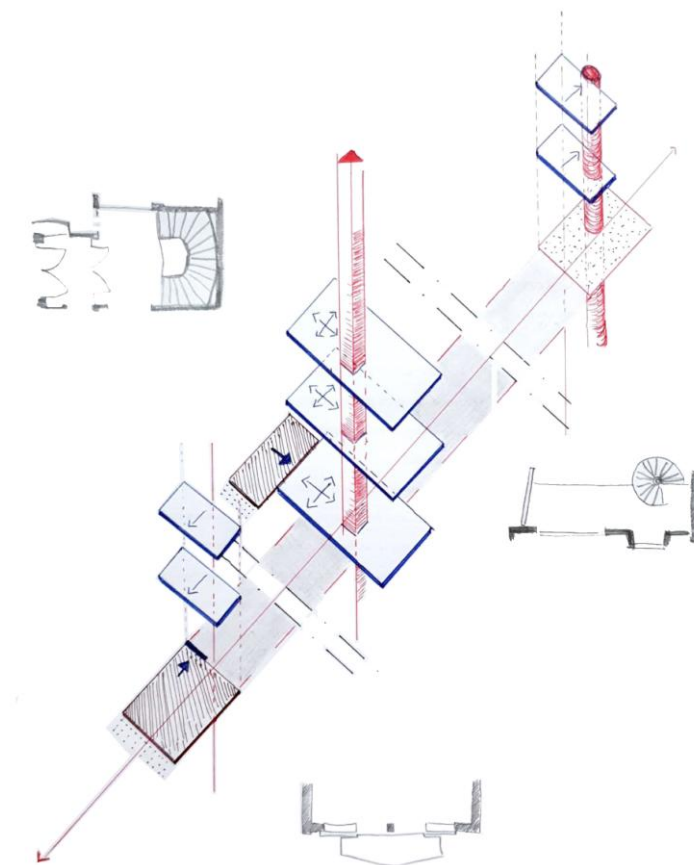


Figura 3. Catarina Alves Costa, ilustração esquemática de trabalho académico *Elementos Arquitetónicos e Organização do Espaço em Projetos de Habitação Unifamiliar em “e-Nunciar Fernando Lanhas: Tópicos Desenhados”*, julho 2019. Caneta e lápis sobre papel. Fonte: (Costa, 2019b).

No estudo de análise de quatro projetos de moradias unifamiliares¹³ (Costa, 2019b), constata-se o uso reiterado de certos elementos arquitetónicos e certas constantes na sua distribuição. Salienta-se a colocação da escadaria interior sempre no centro das habitações encostada ao centro de uma das paredes laterais que condiciona a distribuição dos espaços limitando grandemente as possibilidades do projeto. A caixa de escadas assume-se como um elemento vertical replicado no exterior traseira pela presença recorrente de uma escada em caracol e pela sucessão vertical de varandas ligadas pela mesma escada. Estes dois eixos paralelos entre si criam uma tensão latente com o percurso percorrível em planta ser interrompido pelos eixos que lhe são ortogonais, nomeadamente as escadas interiores ou exteriores, ou no percurso vertical pelos pisos horizontais (Figura 3).

¹³ Trata-se das obras construídas: Habitação Unifamiliar (coop. “O Problema da Habitação”), Avenida Dr. Antunes Guimarães, Porto, s.d; Habitação Unifamiliar; Rua do Lidador, Porto, 1953-1963; Duas Habitações Geminadas, Avenida Dr. Antunes Guimarães, Porto, 1965-1967 e Habitação Unifamiliar, Rua António Nobre, Porto, s.d.

Verificam-se ainda, os pontos de contacto invisíveis nas varandas, cujas paredes laterais não tocam a fachada e os degraus de entrada frequentemente se apresentam como que suspensos entre si. Por outro lado, a varanda em Lanhas resulta "desobjetificada" uma vez que permite que haja uma leitura de planos abstratos destacados da fachada e não do objeto varanda, numa clara abstratização da realidade que se opera através da tradução da complexidade do tridimensional para a simplicidade de uma leitura geométrica.

Uma primeira análise formal entre a sua obra pictórica e a arquitetónica mostra semelhanças no uso de certas formas recorrentes, de uma simplificação do espaço, seja ele bidimensional ou tridimensional. Ambas partilham do mesmo racionalismo, da mesma sobriedade, da mesma contenção, vivendo de variações mínimas entre elementos de formas básicas, onde a depuração liberta tanto a pintura como o edificado de tudo o que não é essencial.

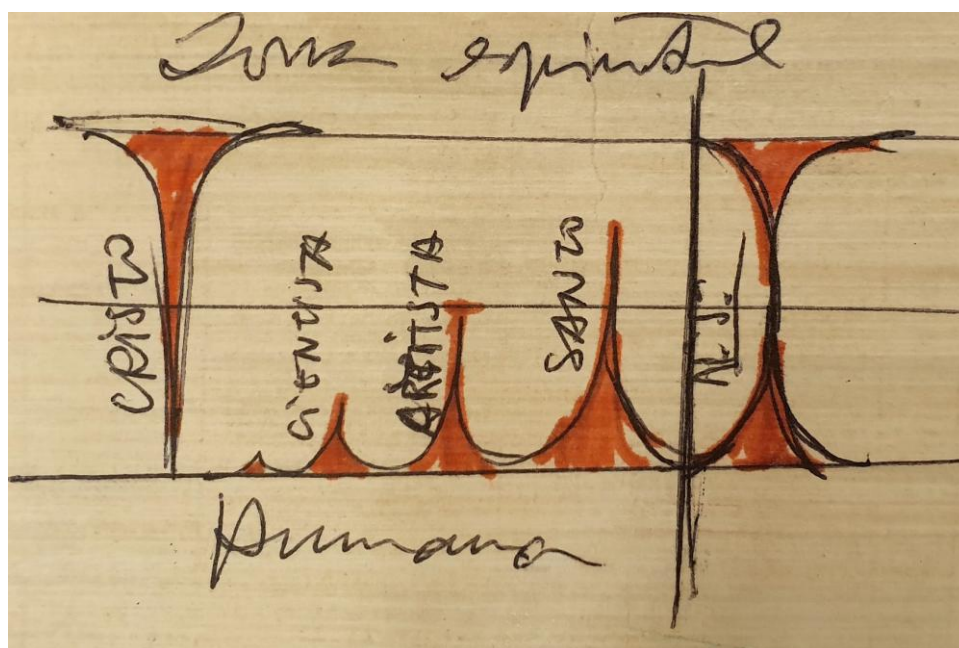


Figura 4. Fernando Lanhas, sem título, s.d. Caneta e filtro sobre papel. Fonte: Espólio de Fernando Lanhas na Fundação Instituto Marques da Silva, Porto.

Nos seus escritos sobre arte, Lanhas aspira a um universalismo misticista e algo religioso que ele liga ao ideal da arte como abstração ou geometria (Figura 4). Diz ele "É essa visão simples, elementar, que eu tenho procurado" (Guedes, 1988: 26') e ainda que "eu procuro uma essência (...)" (*ibidem*: 42'). Daqui advém que a sua pintura, que primeiro surgiu e se definiu, manifesta uma inegável influência sobre a sua arquitetura porventura comungando as duas obras dos mesmos princípios universalistas que estão

na base do abstracionismo geométrico.

Cruzamentos entre pintura e arquitetura

Os interesses múltiplos de Lanhãs revelam um olhar transversal que implica um processo de procura de algo superior que ligaria e daria sentido a tudo. E é no racionalismo abstrato e elementar da geometria que encontra a via para tentar uma síntese, que nas suas palavras devia ser elementar e simples.

Constata-se portanto que há uma grande influência do programa conceitual da pintura de Lanhãs na sua arquitetura e não podemos deixar de notar que este percurso corresponde em tudo ao processo histórico da emergência do neoplasticismo na arquitetura. Recorde-se que esta corrente de pensamento nasce no seio da pintura abstrata geométrica e projeta-se no campo da arquitetura, defendendo os seus arautos e entre eles Malevich (1878-1935) que "a obra arquitetónica é uma arte sintética, é por isso que deve unir-se a todos os domínios da arte" (Neret, 2003: 66). Em 1917, Mondrian (1872-1944) em parceria com Van Doesburg (1883-1931) e outros como Rietveld (1888-1964) publicam a revista *De Stijl*, onde lançam as bases do neoplasticismo que não é mais do que uma aplicação de preceitos geométricos elementares e universais à arquitetura.

Mondrian parte da ideia de que "o artista deveria (...) procurar as verdades universais, os valores últimos, essenciais, permanentes das coisas, de forma a contribuir para a construção de um mundo melhor" (Rodriguez et al., 2017) daí o alastramento da abstração pictórica à arquitetura, vista como a área em que se poderia realizar essa ambição. O neoplasticismo é uma corrente radical que lança as bases da modernidade na arquitetura. O discurso místico e a aspiração ao universalismo acompanharam sempre Mondrian, Malevich, Kandinsky (1866-1944), tal como acontece com Lanhãs, salvaguardando as diferenças religiosas de cada um.

Tal como o neoplasticismo vai buscar certas formas recorrentes à obra pictórica de Mondrian, tais como os traços negros e as cores primárias que não existem na natureza, e as traz como elemento estilístico desta nova arquitetura, também Lanhãs usa certas formas recorrentes da sua pintura na sua arquitetura, nomeadamente as cores desbotadas e a tensão entre linhas curvas e linhas retas.

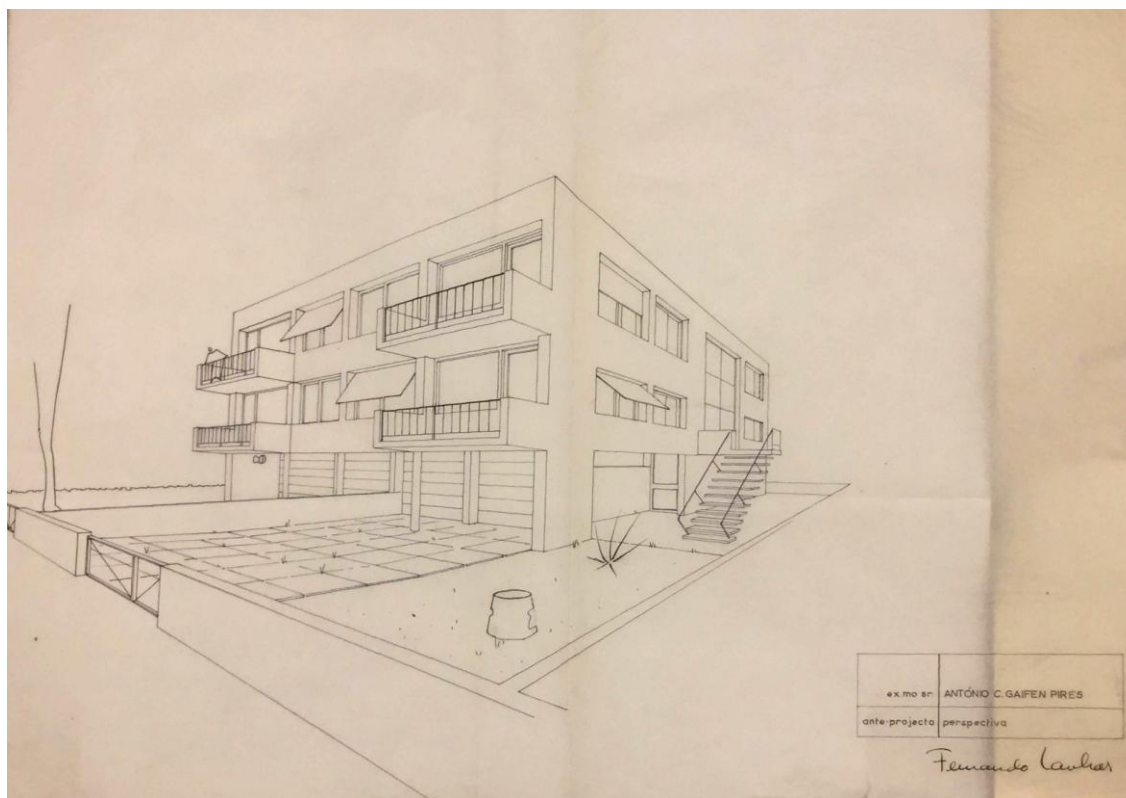


Figura 5. Desenho de Fernando Lanhas, Perspetiva - Rua António Nobre, Porto, s.d. Caneta sobre papel. Fonte: Espólio de Fernando Lanhas na Fundação Instituto Marques da Silva, Porto.

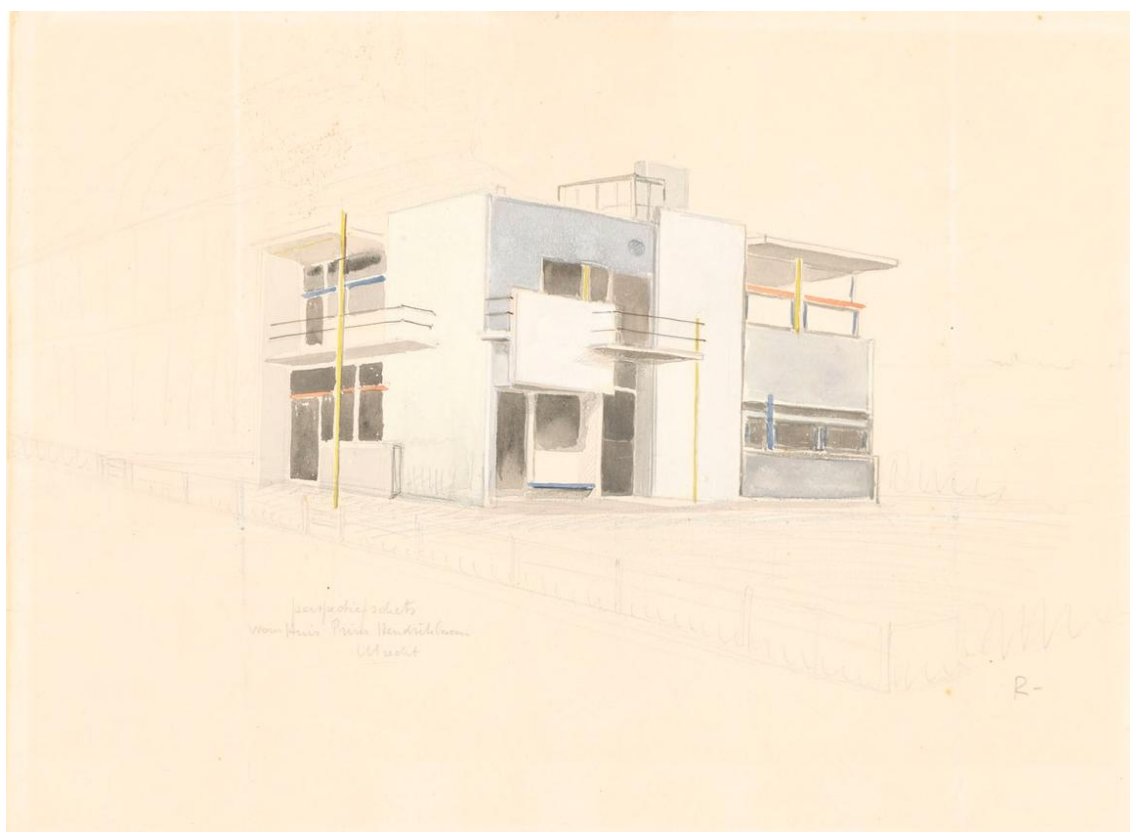


Figura 6. Gerrit Thomas Rietveld, Rietveld Schröderhuis, 1950. Aguarela sobre papel. Fonte: <https://www.centraalmuseum.nl/en/collection/rsa/004-a-040-rietveld-schrderhuis-woning-schrder-schrder-gerrit-thomas-rietveld>.

Assim como o neoplasticismo introduz uma radical simplificação do espaço também Lanhas assim procede, nomeadamente quando se repete, resultando em ambos uma arquitetura racionalista, sóbria, contida e de variações mínimas, dirigida ao essencial. Diz Lanhas sobre a sua maneira, ela é: "exata, rigorosa, elementar, sem campo para superfluidades... eu não perco tempo." (Guedes, 1988: 21').

Esta procura do simples e do elementar estarão na base do uso recorrente da planta retangular, por ser uma forma pura, à qual subordina deliberadamente a sua arquitetura. Mostra-se mais purista do que alguns arquitetos que seguiram o neoplasticismo como Oud (1890-1963) que experimentaram "jogos de caixas" afastando-se da simetria que foi cultivada por Lanhas (Figura 5).

Outro dos preceitos do neoplasticismo é o uso da ortogonalidade como grande regra compositiva onde planos horizontais e verticais são enfatizados na sua orientação espacial. Na arquitetura de Rietveld, por exemplo, a forma básica é um cubo decomposto em projeções horizontais por via de parapeitos, marquises e varandas, e a verticalidade é marcada por meio de pilares e por descolamento dos guarda-corpos das varandas (Figura 6). À exceção dos parapeitos também em Lanhas se encontram estes dispositivos sendo que o descolamento das varandas é frequentemente usado para enfatizar a verticalidade e os degraus suspensos para enfatizar a horizontalidade. A já referida distribuição interna dos espaços através da localização dos elementos escadas, que a condicionam, obedece afinal à regra neoplástica da ortogonalidade na distribuição do espaço.

Conclui-se que a arquitetura de Lanhas se afasta da arquitetura portuguesa sua contemporânea para se aproximar dos principais vetores do neoplasticismo num processo de translocalismo típico da cultura portuguesa (Pelayo, 2012: 36) o que explica o desinteresse que se abateu sobre a sua arquitetura. Se houve influências diretas, embora com grande atraso, provenientes do estrangeiro e quais, ou se Lanhas chega lá seguindo apenas uma coerência pessoal só poderá ser apurado em investigação futura.

Referências

Almeida, B. P. (2016). *A Arte Portuguesa no Séc. XX: uma história crítica*. Porto: Coral Books. ISBN 978-989-8851-08-6.

Costa, C. (2019a). *A Arquitetura em Fernando Lanhas* [projeto de tese do Programa de Doutoramento em Arquitectura]. Porto: Faculdade de Arquitetura da

Universidade do Porto.

Costa, C. (2019a). *Elementos Arquitetónicos e Organização do Espaço em Projetos de Habitação Unifamiliar em “e-Nunciar Fernando Lanhas: Tópicos Desenhados”*: A primazia dos espaços [trabalho académico]. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Costa, P. (2018). *Habitação Plurifamiliar na Obra de Fernando Lanhas - Um contributo para pensar a modernidade no Porto entre 1954 e 1968* [dissertação de Mestrado Integrado]. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

França, J.-A. (1985 [1974]). *A Arte em Portugal no Século XX: 1911-1961* (2.^a ed.). Lisboa: Livros Horizonte. ISBN 978-972-2415-83-5.

Gonçalves, R. M. (2010). *A Arte Portuguesa do Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores. ISBN 972-424-626-4.

Guedes, F. & Macedo, A. (1988). *Fernando Lanhas – Os Sete rostos* [documentário]. (Consul. 2018-10-29) Disponível em URL: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/fernando-lanhas-os-sete-rostos/>.

Neret, G. (2008) *Kazimir Malevich 1878-1935 e o Suprematismo*. Colónia: Taschen. ISBN 978-382-2826-90-4.

Pelayo, R. (2012). *Vanguarda e Hibridismo na Arte Portuguesa do Século XX: de 1968 a 1974 e as décadas anteriores*. Leiria: Textiverso editora. ISBN 978-989-8044-60-0.

Mota, D. (Ed.). (2019). *Álvaro Siza Vieira – Arquiteto de Sonhos*. (Consul. 2020-01-03) Disponível em URL: <https://www.rtp.pt/play/p6388/e447046/arquitecto-de-sonhos>.

Rodriguez , A. Vara, M. & Beatriz. A. (2017). *Abstracionismo*. (Consul. 2020-01-03) Disponível em URL: <https://pintura-secxx.blogs.sapo.pt/abstracionismo-1657>.